

A PARTIDA DE ENEIAS E OS EFEITOS PERSUASIVOS DA TEMPORALIZAÇÃO NA CARTA “DIDO A ENEIAS” (OVÍDIO, *HEROIDES*, VII)

BEATRIZ ARAUJO MORANDINI*

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Araraquara, SP, Brasil.

Recebido em: 9 abr. 2025. Aprovado em: 29 abr. 2025.

Como citar este artigo: MORANDINI, B. A. A partida de Eneias e os efeitos persuasivos da temporalização na carta “Dido a Eneias” (Ovídio, *Heroides*, VII). *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 2, p. 127-139, maio/ago. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n2p127-139

Resumo

Este artigo apresenta uma abordagem semiótica do texto clássico, examinando uma possibilidade de aplicação dessa teoria no campo das Letras Clássicas. Para tal, discute-se a Carta VII, da obra *Heroides*, do poeta Ovídio, a partir da localização temporal e a duração do episódio de partida de Eneias e seus compaheiros de Cartago, ambos procedimentos de temporalização na estrutura semiótica do texto, tendo em consideração os demais mecanismos e procedimentos que constituem o nível discursivo do Percurso Gerativo de Sentido. A partir dos versos iniciais do texto latino, analisa-se o ritmo da narração e seus efeitos de sentido para a construção da persuasão.

* E-mail: b.morandini@unesp.br
id <https://orcid.org/0009-0006-0642-8827>

Palavras-chave

Semiótica discursiva. Temporalização. Ovídio.

INTRODUÇÃO À CARTA “DIDO A ENEIAS” (OVÍDIO, HEROIDES, VII)

A obra *Heroides* ou *Epistolae Heroidum* (c. 20 AEC a 15 AEC), do poeta romano Ovídio (43 AEC a 17 EC), é uma coleção de 21 cartas de amor em versos elegíacos que simulam uma correspondência entre figuras mitológicas da cultura greco-romana. Em boa parte delas, as personagens femininas secundárias em epopeias e tragédias clássicas assumem a narrativa dos acontecimentos da matéria mítica tradicional, apresentando a própria versão dos eventos numa expressão do sofrimento feminino. Em sua maioria, as cartas são monólogos das heroínas que escrevem para seus amados ausentes e distantes, formando o conjunto de cartas simples (1 a 15); as demais formam o conjunto de cartas duplas (16 a 21), com as cartas-respostas das heroínas acrescidas às de heróis (Conte, 1994, p. 346).

A configuração discursiva amorosa da elegia erótica romana composta por poetas anteriores – em especial, Tibulo e Propércio – consolidou uma tradição com lugares-comuns e situações típicas desse texto poético do gênero lírico. Por isso, a ausência da pessoa amada e os demais lugares-comuns (*e.g. servitium amoris*) orientam o arranjo das cartas de Ovídio, em especial as simples, como uma expressão do lamento da mulher abandonada.

Todavia, a elegia amorosa ovidiana subverte as categorias convencionais desse gênero literário, e a obra *Heroides* é definida por Albrecht (1997, p. 742) como um entrelaçamento da elegia, da epístola e do monólogo dramático. Na configuração do discurso amoroso das cartas, Ovídio inova ao compor uma obra completa a partir do ponto de vista feminino, ao reinventar os mitos, das épicas ou das tragédias da cultura greco-romana. Em função disso, inverte a situação elegíaca, pois o lamento passa a ser expresso pela *voz feminina* e não mais pela voz masculina comum nas elegias romanas, mudança responsável por modalizar sensivelmente as mulheres elegíacas.

A Carta VII “Dido a Eneias” apresenta em sua composição 198 versos em latim metrificados em dísticos elegíacos. Escrita pela rainha cartaginesa Dido, tal carta é destinada a Eneias, quando o herói e seus companheiros troianos

estão partindo de Cartago – conhecido episódio do Canto IV da epopeia romana *Eneida*, de Virgílio (70 AEC – 19 AEC). Nela, a rainha, dominada pela paixão, revela seu ponto de vista sobre a atitude e o caráter de Eneias, argumentando a favor de seu retorno e permanência no reino de Cartago.

De acordo com a narrativa da *Eneida* (Canto I), a deusa Juno causa uma tempestade que lança os guerreiros troianos para a costa norte da África, especificamente em Cartago. Lá, são recebidos pela rainha com hospitalidade e um banquete. Por artimanha da deusa Vênus, Cupido disfarçado como o filho de Eneias, Ascânio, provoca em Dido a paixão pelo herói. Durante o banquete, Eneias narra a queda de Troia e as aventuras dos guerreiros nos mares na busca pela terra prometida para a fundação da nova Troia, missão do herói pio. De um encontro amoroso causado pelas deusas Juno e Vênus, eles firmam a fidelidade como amantes. Contudo, esse pacto se rompe quando, após ser alertado em sonho por Mercúrio sobre a necessidade de partir o mais rápido possível para cumprir sua missão, Eneias deixa Cartago furtivamente durante a noite, evitando assim a fúria da rainha Dido, que somente ao amanhecer descobre o ocorrido, com os navios já distantes da costa. Ao fim, a ira e o desejo de vingança de Dido a levam a tirar a própria vida.

ADEQUAÇÃO DA SEMIÓTICA DISCURSIVA AOS ESTUDOS CLÁSSICOS

A Semiótica Discursiva estabelece um modelo para análise da significação, permitindo um estudo do texto pautado na realidade textual e discursiva. Esse aspecto é pertinente para uma língua e uma cultura que pertencem ao passado. De acordo com a teoria semiótica greimasiana:

A teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, ou seja, como uma teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do sentido. Dessa forma, situando-se na tradição saussuriana e hjelmsleviana, segundo a qual a significação é a criação e/ou a apreensão das ‘diferenças’, ela terá que reunir todos os conceitos que, mesmo sendo eles próprios indefiníveis, são necessários para estabelecer a definição da estrutura elementar da significação (Greimas; Courtés, 2008, p. 415).

A adequação da atividade semiótica ao estudo de um texto de uma língua antiga como o latim se deve às características da teoria: gerativa, sintagmática e geral. É uma teoria gerativa à medida que comprehende a estrutura elementar da significação numa rede de relações que são articuladas conforme o modo de produção. A geração semiótica de um discurso é representada por meio de um percurso gerativo, relacionando os componentes mais abstratos aos mais concretos, dos mais simples aos mais complexos (Greimas; Courtés, 2008, p. 416). É uma teoria sintagmática devido aos procedimentos de operacionalização, introduzindo a questão de enunciação de E. Benveniste, pois, das estruturas profundas para as estruturas da superfície, passa-se pelo “filtro que é a instância da enunciação” (Greimas; Courtés, 2008, p. 416), estabelecendo uma cadeia hierárquica entre as partes e o todo, um “modo de manifestação lógico-relacional” (Greimas; Courtés, 2008, p. 429) – por essa razão a divisão em níveis: fundamental, narrativo e discursivo, cada um descrito e explicado por uma gramática autônoma com dois componentes: uma sintaxe e uma semântica. Por fim, é uma teoria geral, pois o conteúdo pode ser analisado separadamente da expressão, a partir de qualquer texto, independentemente de sua manifestação.

O procedimento clássico de análise na teoria semiótica é o Percurso Gerativo de Sentido (PGS). Sob a forma de um percurso metodológico, o sentido se articula por meio de uma sobreposição de níveis de profundidade diferente no discurso que partem do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, resultando numa apreensão do discurso em etapas entre a imanência e a aparentância, com descrições autônomas para cada um dos níveis (Greimas; Courtés, 2008, p. 416). Esses três níveis de análise são: *nível fundamental*, a instância mais profunda, em que são determinadas as estruturas elementares do discurso, abrigando as categorias semânticas fundamentadas na diferença, na oposição; *nível narrativo*, uma instância intermediária, que se ocupa das transformações do conteúdo; e *nível discursivo*, as estruturas mais próximas da manifestação textual, com o revestimento das estruturas dos níveis anteriores, atribuindo maior concretude ao objeto.

O método semiótico viabiliza um estudo do “texto propriamente dito”, porque reconhece a autonomia relativa do objeto significante. Por ser um todo de significação, o texto produz em si mesmo as condições contextuais de sua leitura. Nessa perspectiva de análise, o método divide-se em dois aspectos: a semiótica do enunciado, destacando as articulações internas do texto; e a

semiótica da enunciação, centrada nas operações da discursivização (actorialização, espacialização e temporalização).

Uma noção fundamental para a descrição metalinguística dos recursos expressivos na Carta VII é a distinção entre *tempo* e *temporalização*. Aquele é a categoria linguística do tempo, este é o processo de discursivização da categoria do tempo (Fiorin, 2008, p. 12). Enquanto categoria linguística, o tempo é constituído no ato de tomar a palavra, assim, o “eu” enuncia um momento que é o *agora*. Desse modo, a partir da noção de enunciação, a categoria linguística de tempo não corresponde ao tempo físico ou ao tempo cronológico, uma vez que o tempo e sua percepção são construções da linguagem. De acordo com Benveniste (1988, p. 286, grifos do autor), “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”, e assim a temporalidade linguística pode ser organizada.

O semioticista Fiorin (2022, p. 55), em linhas gerais, indica que “a enunciação é o ato de produção do discurso, é uma instância pressuposta pelo enunciado (produto da enunciação)”, definindo-a como a instância do *eu-aqui-agora*. Isso significa que a enunciação instaura uma categoria do presente no discurso, um *agora* que é o momento da enunciação, e essa projeção da instância da enunciação no enunciado se organiza em relação ao momento da enunciação em *concomitância* vs. *não concomitância*, e se articula em *anterioridade* vs. *posterioridade*.

Em vista desses pressupostos, é possível estabelecer que o eixo ordenador e gerador do tempo linguístico é o momento da enunciação (Fiorin, 2021, p. 129). Consequentemente, observa-se que há dois sistemas temporais na língua: um sistema *enunciativo*, relacionado diretamente ao momento da enunciação; e um sistema *enuncivo*, ordenado em função de momentos de referência instalados no enunciado (Fiorin, 2021, p. 129).

Além disso, Fiorin (2021, p. 124) explica que “a temporalização se manifesta, na linguagem, na discursivização das ações, isto é, na narração, que é o simulacro da ação do homem no mundo”. Por isso, estabelece-se que o tempo linguístico também se relaciona à organização de estados e transformações narrados no texto, uma vez que “o momento dos acontecimentos (estados e transformações) é ordenado em relação aos diferentes momentos de referência” (Fiorin, 2021, p. 129). Portanto, um sistema temporal é constituído por: momento da enunciação (ME), momento da referência (MR) e momento do acontecimento (MA).

Dessa maneira, a análise da organização da sintaxe do discurso no texto latino procura abranger as projeções da enunciação no enunciado e a argumentação. No processo de constituição do discurso, são utilizadas as categorias de pessoa, de espaço e de tempo. Sendo assim, temporalização é o nome dado ao processo de discursivização da categoria de tempo, incluindo: localização temporal; programação temporal; aspectualização; duração; e demais componentes temporais que constituem o sentido de palavras e expressões.

EPISÓDIO DA PARTIDA DE ENEIAS: SIMULTANEIZAÇÃO E EXPANSÃO

Inicialmente, relaciona-se a localização e programação temporal para descrever e ordenar os eventos narrados na carta, a fim de compreender como nela se inscreve a categoria do tempo no momento de enunciação (ME), no momento de referência (MR) e no momento do acontecimento (MA). Tais processos permitem identificar a disposição dos acontecimentos narrados e quais os efeitos de sentido gerados, verificando se contribuem para a persuasão.

Essa atividade também permite relacionar a construção da temporalidade no discurso da epístola com o texto-fonte a que faz referência, situando o momento de enunciação da Carta VII dentre os acontecimentos do episódio da partida de Eneias no Canto IV da *Eneida*. Num primeiro momento, essa descrição é realizada pela identificação dos mecanismos utilizados para a instauração do tempo no discurso: a debreagem e a embreagem.

No primeiro dístico, a ancoragem temporal é dada por quatro componentes temporais: 1) o primeiro termo do enunciado, o verbo *accipe* no tempo verbal presente, no modo imperativo, na voz ativa e na 2^a pessoa do singular; 2) a forma nominal do verbo no particípio futuro *moriturae*, no caso dativo e no feminino singular em concordância com *Elissae*; 3) o verbo *legis* no tempo verbal presente, também no modo imperativo, na voz ativa e na 2^a pessoa do singular; e 4) o adjetivo *ultima* no caso acusativo neutro plural, modificando o nome *uerba*:

*Accipe, Dardanide, moriturae carmen Elissae;
Quae legis, a nobis ultima uerba legis.* (Ovídio, *Heroides*, VII, 1-2)¹

¹ Todas as traduções de línguas estrangeiras, salvo as indicadas nas referências, são de nossa autoria e responsabilidade.

Escuta, dardânio², o canto de Elissa³ prestes a morrer;
Lês estas, lês as últimas palavras [que vêm] de nós.⁴

Esses componentes são projeções da debreagem enunciativa, pois instalam no enunciado os actantes enunciativos (eu/tu), o espaço enunciativo (aqui) e o tempo enunciativo (presente). De acordo com Fiorin (2021, p. 132), “o presente marca uma coincidência entre o momento de acontecimento e o momento de referência presente”. Nesse trecho, o momento de referência é o tempo de duração da carta, um presente durativo, mais longo do que o momento da enunciação e marcado pelos verbos *accipe* e *legis*, apresentando, no entanto, a coincidência entre ME e MR. Isso significa que, em algum momento, o momento de referência é simultâneo ao momento da enunciação. Essa simultaneidade é mais facilmente evidenciada no dístico:

*Sed merita et famam corpusque animumque pudicum
Cum male perdiderim, perdere uerba leue est.* (Ovídio, *Heroídes*, VII, 7-8).

Mas, os méritos, a fama, o corpo e a alma pudica,
como eu mal tenha perdido, perder as palavras é leve.

Aqui, a conjunção adversativa (*sed*) estabelece uma relação de oposição entre dois tempos: o passado, marcado pelo verbo *perdiderim* no pretérito perfeito, e o presente, marcado pelo verbo de ligação *est* no presente, aproximando as duas situações de modo a compará-las. Esse é um argumento de “regra do precedente” (Fiorin, 2020, p. 136), por supor identidade entre as duas situações, implicando que a segunda deve ser tratada como a primeira. Por isso, a partir de uma enumeração de perdas particulares, obtém-se uma generalização, orientada da parte para o todo. Esse argumento intensifica a determinação de Dido em reaver Eneias, pois, diante da grandiosidade do que perdeu, ainda se coloca disposta a perder o pouco que restou em vista da

-
- ² Referente a Eneias, descendente de Dárdano que foi quem construiu a cidadela de Troia e reinou na Tróade, criando laços entre Tróade e Itália. Foi em memória das origens dos primeiros de sua raça que Eneias, troiano, regressou à península itálica, depois da queda de Troia (Grimal, 2005, p. 111).
- ³ Elissa é o nome tírio da rainha Dido (Grimal, 2005, p. 119).
- ⁴ Os versos foram traduzidos numa prática metalinguística de transposição de componentes lexicais e morfossintáticos da língua latina para a língua portuguesa, a fim de analisar o texto latino e permitir uma compreensão literal do conteúdo e dos recursos linguísticos usados no original. Portanto, essa não é tradução poética, mas uma tradução vernácula o mais literal possível em relação ao texto-fonte.

possibilidade de o comover a voltar, definindo a proposição da carta (selecionada como do verso 1 ao 8).

O mesmo trecho demonstra que o momento de referência é o presente e que o momento do acontecimento (MA), nesse caso o acontecimento da perda, indica uma relação de anterioridade ao MR, ou seja, anterior à escrita da carta, devido à instalação de um tempo do pretérito. Além disso, o enunciado “*perdere uerba leue est*” (perder as palavras é leve) indica também a concomitância entre o ME e o MR, demonstrando a simultaneidade mencionada acima. Em outras palavras, a perda é durativa: continua existindo no momento da enunciação da carta e tendo seus desdobramentos reconhecidos no presente. Esse recurso, portanto, intensifica a perda.

Retomando aos versos do primeiro dístico, a forma nominal em particípio futuro *moriturae* (“prestes a morrer”) poderia ser desenvolvida para “o canto da Elissa que morrerá em breve”, no futuro do presente, ainda uma debreagem enunciativa. Essa construção indica uma posterioridade do momento do acontecimento (Dido alude ao próprio suicídio ainda por vir) em relação ao momento de referência presente (a escrita da carta), com o componente temporal “últimas palavras”. Tal composição reforça a ideia de que, após a carta, Dido morreria ou como efeito da partida de Eneias ou em função das perdas listadas. Contudo, o episódio da morte de Dido não é relatado, mas pode ser recuperado, sendo o procedimento de apagamento na relação entre o tempo da narração e o tempo do narrado.

Com esses dados iniciais, é possível caracterizar a carta por meio de considerações gerais sobre a construção da temporalidade. Assim, o momento de referência presente no discurso da carta parece se relacionar ao acontecimento da partida de Eneias no Canto IV (Virgílio, *Eneida*) que, conforme exposto anteriormente, acontece de modo furtivo durante a noite, após Eneias ser alertado em sonho que deveria partir o mais rápido possível de Cartago, evitando assim a fúria da rainha. A carta ovidiana parece seguir em continuidade ao seguinte trecho da *Eneida*:

Já a nova Aurora saltara do leito do cróceo Titono
para luz bela espargir pelo mundo e de cores orná-lo
no alvorecer, quando Dido avistou desde a sua atalaia
em boa ordem a esquadra afastar-se, tendidas as velas,
bem como as praias vazias e sem remadores os portos (Virgílio, *Eneida*, IV,
584-589).

Desse modo, observa-se que o momento de enunciação da Carta VII se situa enquanto Eneias e seus companheiros estavam partindo de Cartago, durante o processo de distanciamento dos navios, e antes da morte de Dido.

À vista disso, a carta constrói-se por meio da simultaneização. Este é um procedimento da programação temporal, um “processo de encadeamento dos acontecimentos num eixo de sucessões” (Fiorin, 2008, p. 21). A simultaneização é a disposição de mais de um acontecimento no mesmo intervalo de tempo. Em outras palavras, o enunciado simula que a narradora-personagem escreve a carta no mesmo momento em que os navios, ainda visíveis, estão se afastando do litoral de Cartago. Nesse sentido, o que ocorre é uma expansão da narrativa, dado que o episódio da partida é alargado pelo ponto de vista de Dido. Em termos de elasticidade, esse recurso expressivo permite estender a narrativa, desacelerando-a “como se acompanhasse o olhar demorado do espectador” (Fiorin, 2008, p. 32). Portanto, comprehende-se que a duração da carta é predominantemente marcada pelo procedimento de expansão. E, apesar de serem simultâneos, o tempo da narração ainda é maior do que o tempo do narrado. Tal recurso contribui para criar o andamento do texto, porque estabelece o ritmo da narrativa.

Isso posto, estabelece-se que o momento de referência presente no texto é a escrita da carta simultânea à partida de Eneias. Nesse ínterim, no decorrer da carta, há um encadeamento de súplicas de Dido para convencer Eneias a ficar em Cartago, num ritmo que acompanha o distanciamento de Eneias e a evidente irreversibilidade da partida – e, consequentemente, a morte de Dido. Assim, nos dísticos que sucedem os mencionados anteriormente, Dido argumenta em apelo ao caráter de Eneias, fazendo a primeira referência à partida do herói:

*Certus es ire tamen miseramque relinquere Didon,
Atque idem uenti uela fidemque ferent?
Certus es, Aenea, cum foedere soluere naues
Quaeque ubi sint nescis, Itala regna sequi?
Nec noua Cartago, nec te crescentia tangunt
Moenia nec sceptro tradita summa tuo?
Facta fugis, facienda petis; quaerenda per orbem
Altera, quae sita est altera terra tibi. (Ovídio, *Heroides*, VII, 9-16).*

Estás determinado a partir, porém, deixar a miserável Dido,
do mesmo modo que os ventos levam as velas e a aliança?

Estás determinado, Eneias, mesmo com o pacto, a soltar os navios
e a seguir os reinos itálicos que desconheces onde estejam?
Nem a nova Cartago⁵, nem a muralha crescente,
nem as coisas elevadas trazidas pelo seu cetro te tocam?
Foges do que está feito, procura o que deve ser feito;
outra terra foi conquista para ti, outra deve ser procurada pelo mundo.

Nesse trecho, a narradora-personagem inquire Eneias sobre a ação de partir de Cartago, afirmando ser este um ato de abandono. Com a decisão de partir, Eneias deixou Dido para trás. Essa equivalência orienta a percepção da antítese entre partir e ficar concretizada por meio da estrutura comparativa *atque idem* (“do mesmo modo que”), criando uma identidade entre o vento que conduz o navio (na figura das velas por meio da sinédoque) e o próprio Eneias que determina a partida, levando consigo a aliança firmada entre eles como amantes.

Essa argumentação implicativa – que garante uma causalidade entre a ação de partir e a consequência de deixar Dido – é reforçada pela estrutura adversativa com a conjunção *tamen*. Se Eneias está determinado a partir, então também está determinado a deixá-la. Ao indicar essa falha no caráter do herói, Dido pretende fazê-lo repensar sobre a decisão tomada, algo enfatizado com elementos que intensificam a incerteza. Em um primeiro momento, a incerteza é marcada quando a narradora-personagem indica que os troianos desconhecem onde estão os reinos itálicos que procuram, aludindo ao engano narrado no Canto III (Virgílio, *Eneida*), quando acreditaram ser Creta a terra prometida. Do mesmo modo, a incerteza é intensificada pela recorrência das orações interrogativas que questionam as conquistas de Eneias e seu caráter, compreendendo um recurso que não pretende obter respostas factuais, mas servem para revelar o ponto de vista de Dido.

Essa é a base da instauração de um dilema entre a ação de partir de Cartago violando a *fides*⁶, porque deixa Dido para trás, ou a ação de ficar em Cartago violando a *pietas*⁷, porque se mantém com Dido, sem cumprir a

⁵ Reino na costa norte da África construído por Dido (Commelin, 2000, p. 348).

⁶ Contempla a ordem política, social e jurídica da Roma Antiga, sendo “um juramento que compromete ambas as partes na observância de um pacto bem firme” (Pereira, 2002, p. 324). Esse valor é a razão pela qual o povo romano respeita o seu dever, é a fidelidade decorrente do juramento, caracterizando a *fides* como uma das maiores virtudes.

⁷ Valor definido por Pereira (2002, p. 329) como “um sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos, parentes)”. Além da relação filial e religiosa vinculada aos deuses Lares e culto aos antepassados, há uma relação com o Estado, alargada aos deuses Penates.

missão de fundar a nova cidade. É, portanto, um enunciado de disjunção porque se articula por meio do “princípio do terceiro excluído” (Fiorin, 2020, p. 145), admitindo somente a verdade ou a falsidade, sem uma terceira alternativa. Em ambas as possibilidades, isto é, ficar ou partir, o caráter de Eneias seria necessariamente corrompido. Se é verdade que Eneias partiu de Cartago, então é verdade que Eneias escolheu abandonar Dido. É justamente por meio desse impasse que a narradora-personagem apela aos valores e à honra do herói.

Nesse sentido, o tempo e o espaço também adquirem argumentatividade na construção desse dilema, sendo garantidos os exemplos de conquista e poder de Eneias em oposição à incerteza de conquista de uma nova terra. Por isso, Cartago, a primeira terra mencionada, é instalada no discurso como um espaço enunciativo (aqui) por meio da debreagem enunciativa que também instaura a anterioridade em relação ao momento de referência (agora); já os reinos itálicos contrastam com um espaço enuncivo (alhures) instaurado em posterioridade em relação ao momento de referência, contribuindo para a incerteza do investimento.

Além disso, o próprio tempo futuro é marcado pelo traço semântico da incerteza, dado que “a menos que a proposição exprima uma verdade atemporal, ele [o futuro] não pode expressar uma modalidade factual, pois seu valor de verdade não pode ser determinado no momento da enunciação” (Fiorin, 2021, p. 137). Essa característica permite que a narradora-personagem acople um valor modal à expressão temporal, recurso novamente utilizado em nova menção à partida realizada adiante na carta. É nesse sentido que o ponto de vista se concretiza na temporalidade, contribuindo para o fazer persuasivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida para a discussão dos efeitos de sentido gerados pela instauração e pela concretização do tempo no discurso da carta “Dido a Eneias” (Ovídio, *Heroides*, VII), e como estes contribuem para a persuasão, foi reconhecer que a narrativa da carta ovidiana é construída no mesmo intervalo de tempo que o episódio de partida de Eneias e seus companheiros de Cartago na épica virgiliana. Isso se dá por meio da *simultaneização*, um dos procedimentos de programação temporal.

Tanto esse procedimento quanto a instauração da subjetividade feminina na Carta VII são fundamentais para que a narrativa seja expandida e o episódio alargado pelo ponto de vista de Dido. Assim, a duração da carta é marcada pelo procedimento de *expansão*, com a narração correspondendo a um tempo maior do que o narrado. E, em razão de a expansão ser um tempo qualitativo, o ritmo da carta é modulado a partir dos movimentos de aproximação e distanciamento das referências à partida de Eneias, momento em que as súplicas expressam, em especial, o desejo de diminuição desse afastamento dos navios.

Nessa orientação, o recorte da análise visou relacionar a construção de temporalidades no discurso com os procedimentos argumentativos empregados pela narradora-personagem, relevantes na estrutura semiótica do enunciado latino porque, além de procedimentos da instauração da categoria tempo, operam na intensificação ou atenuação de procedimentos da dimensão argumentativa do discurso.

AENEAS' DEPARTURE AND TEMPORALIZATION'S PERSUASIVE EFFECTS IN THE LETTER "DIDO TO AENEAS" (OVID, *HEROIDES*, VII)

Abstract

This article presents a Semiotic approach to the classical text, examining a possible application of Semiotic theory in the field of Classical Studies. To this end, Letter VII, *Heroides*, by the poet Ovid, is discussed according to the *temporal localization* and *duration* of the episode where Aeneas and his companions sail from Carthage, both temporalization procedures in the semiotic structure of the text; in addition to the other mechanisms and procedures constituting the discursive level of the Generative Process. Starting with the opening verses of the Latin text, the rhythm of the narration and its meaning effects for the construction of persuasion are discussed.

Keywords

Discursive semiotics. Temporalization. Ovid.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, M. von. *Historia de la literatura romana*. Barcelona: Herder, 1997. (v. 1).
- BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Tradução Maria da Gloria Novak e Maria Luiza Neri. 2. ed. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. p. 284-293.
- COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CONTE, G. B. *Latin literature: a history*. Translated by Joseph B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2020.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2022.
- FIORIN, J. L. Tempo e temporalização. In: CAGLIARI, L. C. *O tempo e a linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica: 2008. p. 9-39.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- OVIDE. *Héroïdes*. Texte établi par H. Bornecque et traduit par M. Prévost. 5 édition revue et corrigée et augmentée par Danielle Porte. Paris: Les Belles Lettres, 2005.
- PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica: cultura romana*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. (v. II).
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Nota João Angelo Oliva Neto. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.